

DISCOS

Manuel Bandeira disse não acreditar em discos voadores, mesmo porque nunca viu nenhum. Eu também não acredito, pois até hoje só vi quatro, e dos pequenos. Aliás não tenho muita confiança nos meus olhos; eles já viram tanta coisa neste Brasil que podem muito bem fazer confusão.

Quando fui do hotel para o aeroporto, em Porto Alegre, todo mundo na rua estava olhando para cima. Quando fui do aeroporto para o hotel, em Curitiba, pouco tempo depois, todo mundo também estava de nariz no ar. E todo mundo via o disco voador. Explicou-se mais tarde que era Venus, brilhando em pleno sol. Tenho visto Venus de madrugada em Copacabana, ali para os lados da ilha de Contunduba. Está imensa e belíssima neste dezembro, mas não me espanta. Quantas madrugadas no Alcazar não a vimos nascer e você não lhe cantou coisas ao violão, Vinicius de Moraes? A estrela da manhã, a estrela vespertina, a estrela do pastor — só agora os fariseus as descobriram, porque só agora olham o céu, a procura do disco voador.

Afinal que milagre pode haver no disco voador? Acreditar neles? Mas eu ainda não cheguei a acreditar direito no rádio de minha cabeceira, aquela caixinha escura falando e tocando músicas; até hoje desconfio que há algum truque, talvez uma pessoa debaixo da cama. Telefone mesmo, essa coisa da voz andar por dentro de um fio, já me parece coisa bem marota. Essas portas que abrem sózinhas quando a gente chega perto, como aquela que dá para a piscina do Copacabana — não haverá um sem-vergonha de um moleque escondido espiando a gente e puxando um barbante invisível? Não consegui entender sequer um modesto disco de vitrola — como posso duvidar do disco voador?

É difícil, na verdade, os senhores me espantarem com milagres mecânicos. A coisa que na verdade me deixou mais deslumbrado na infância e até hoje, quando vou a Quitandinha, me arrebatava, é aquela bola de pingue-pongue subindo e descendo no esguicho de água do chafariz. Confesso que não me impressionei muito quando vi os discos voadores; o que me impressiona mesmo no céu são as estrelas. E a lua? Imaginem se não houvesse lua e de repente a gente olhasse para o céu e visse a lua! Não é a novidade que faz o mistério; o mistério é sempre uma novidade, e se a pessoa começa a assuntar nesses milhões de astros que brilham no céu acaba ficando meio louca.

O mecânico da esquina pode examinar um disco voador, explicar como ele funciona e até trocar o seu platinado ou viciar seu relógio de táxi. Quem sabe que já não o fez? Se existem marcianos, nada nos autoriza a acreditar que eles sejam mais honestos que os terrenos. Mas quando olhamos o universo só começamos a compreender alguma coisa ouvindo Einstein — e assim mesmo a certa altura ele murmura vagamente uma palavra — Deus — e fica moita.

De qualquer maneira, não há motivo para sustos nem regosijos. Tenho um amigo um tanto xenófobo que diz ter preguiça de conversar com estrangeiros, "gente muito esquisita". Quando saiu no jornal que alguns marcianos haviam descido em Caratinga ele murmurou apenas: "cada vez chegam mais gringos ao Brasil! Você vai ver que eles vão logo meter um mandado de segurança para o juiz deixar entrar toda a moamba!"

Não sou tão pessimista. Não acredito que eles sejam más pessoas. Conheci um mestiço de japonês com piauiense que era um ótimo sujeito.

31/12/54 R. B.